

"SOL"
atualização do seu tempo

Marissel Marques¹
Guilherme Rebecchi Kawakami²

RESUMO

A partir do espetáculo "SOL", refletiremos se a atualização da dança está consoante à necessidade dos paradigmas da arte do nosso tempo.

O pós moderno sendo refletido para definir como dançar. Com todas as controvérsias do que é o pós moderno elabora-se a cena com a inserção de imagens, da ontologia e da meta ficção, em detrimento aos antigos modelos.

Transformar o que representava e definia a dança, a figura do bailarino em cena, para um espetáculo aliado à imagem e ao som. Procura-se a transgressão das fronteiras e das regras da modernidade, representadas pela racionalidade e cientificismo, valorizando a intuição e a sensibilidade como elementos fundantes à dramaturgia. O recurso da imagem em movimento é introduzido à cena exercendo o papel de personagem comunicadora e definindo o estilo da linguagem para a dança.

Palavras-chaves: arte; dança; dança teatro; imagem e som.

1 Graduação em Bacharel no Curso Artes Corporais da Unicamp - Universidade Estadual de Campinas
pesquisadora do Pibic em 'Dança Vídeo' sob orientação prof. Paulo Bastos Martins, professor do
Departamento de Multimeios, Mídias e Comunicação da Unicamp - Universidade Estadual de Campinas
marisselmarques11@gmail.com

2 Graduado em Música (Composição) pela UNICAMP
Universidade Estadual de Campinas
guilherme.rk@gmail.com

Introdução

A comunicação acontece através de várias manifestações. Para as artes corporais uma pergunta pertinente seria: o que a dança quer dizer?

Se a dança tem como forma de conhecimento o próprio corpo, a escrita se dá através do corpo e o pensamento é descrito no espaço pelo corpo, a encenação da dança é a palavra, é um recorte do tempo.¹ No entanto, se o discurso é baseado na reverberação de alguma obra consagrada provoca um efeito de normalidade. E, se desprovida de conteúdos universais, torna-se isolada, psicologizada, duvidosa e sem respaldo da arte e do público.

O desenvolvimento de um trabalho atual em dança sem a reflexão da mensagem - não consideramos mensagem atrelada à narração e sim ao conjunto de elementos selecionados para a obra interessar, acrescentar ao espectador, ou até mesmo desinteressar - e da imagem que o artista bailarino(a) representa em cena, cria um desajuste capaz de tornar esta arte corporal obsoleta, infantil e atrasada a sua época.

Esse desajuste pode ter várias origens: os dados históricos definem e explicam a atualidade, os antigos estratagemas históricos do corpo; o corpo disciplinado, sujeitado, usado, aperfeiçoado representava o exercício do poder, segundo Foucault em "Os corpos dóceis"; um controle empregado para treinar e criar "soldados ideais" no século XVIII.²

Com o advento da dança moderna, há notória modificação no exercício do corpo, há ruptura à tradição do balé e paulatinamente esse processo de ruptura tornou-se procedimento para o ato de criar dos bailarinos e coreógrafos, desde então até os dias de hoje. A ruptura, a fragmentação do corpo como mote ao ato de criar chocou os apreciadores da antiga forma de apresentação de dança (balé); e hoje esvazia as plateias num verdadeiro 'apartheid' à arte corporal que se auto afirma como hermética.³

Ferreira Gullar em entrevista 'As vanguardas saíram de moda?' ao Jornal da Unicamp afirma que: *"a arte não se justifica no novo e sim no permanente"*, e continua esclarecendo que o abandono da técnica e o artista virar a obra de arte é uma tendência das artes visuais na *performance*. Destruir toda a linguagem e você virar o centro de tudo, beira a loucura e é algo ilegível. *"(...) Lógico que se trata de uma obra construída, de uma coisa séria, não uma brincadeira, (...) mas se torna indecifrável. (...) Assim como a literatura, o cinema, a música e o teatro tiveram suas buscas de vanguarda, realizaram conquistas na linguagem estética, incorporaram essas conquistas e retornaram ao leito que permite ao artista se comunicar com o público."*⁴

O chauvinismo na dança contribui para o seu isolamento impedindo um possível avanço. O livro: "Política e Imaginário nos Meios de Comunicação para Massas no Brasil", define: "(...) a nova realidade exige profissionais mais completos, que aliem o domínio da linguagem do meio a uma formulação cultural, mesmo que informal mas crítica, alargando a capacidade de raciocínio e liberando a criatividade para poder enfrentar e manter no ar a programação que está chegando com esses novos tempos." ⁵

Por outro lado, cada vez mais vemos trabalhos de dança se apropriando da tecnologia para a execução da cena, a partir de Merce Cunningham que, com seu experimentalismo na década de 60 e com a utilização de imagens, influenciou toda uma geração de criadores da dança.

Neste sentido, a televisão tem um papel muito importante no processo de comunicação através da imagem, tendo em vista que a maioria das casas passou a possuir esse eletro eletrônico. Por meio da tv, as informações tornaram-se aceleradas; logo em seguida a proliferação da internet aumentou ainda mais a velocidade dessas informações, chegando à instantaneidade. Esses acontecimentos impactaram a nossa sociedade de várias formas.

A banalização da imagem através da massificação dos meios de produção e reprodução criou uma sociedade espetacular, levando a sociedade a quase uma aberração de 'tipos' que formam-se e isolam-se em seus clãs, uniformizando os discursos e até as vestimentas e uma ânsia pela atualização, gerando um consumismo exacerbado desse espetáculo.

O espetáculo resultante tornou-se penetrante e repressor a qualquer consciência do indivíduo, levando-nos a conviver com perfeita tranquilidade, com o isolamento humano e em guetos; aprofundando a divisão de classes sociais e como consequência à violência dos homens e à sua pobreza; à vigilância acirrada em nome da segurança; à anulação da cultura nacional em nome de um desenvolvimento do país e da apologia ao progresso embrutecedor da população brasileira que se rende à letargia, a um hedonismo consumista e à inversão da sensualidade/sexualidade com promiscuidade.

“O cinema criou uma linguagem artística.”⁶

O cinema é uma referencia por retratar de forma pungente a realidade ao seu público restrito. Pina Bausch em seu trabalho 'Sweet Mambo' (2008)⁷, insere imagens arrebatando os olhos do espectador, transformando o palco numa grande tela de cinema, a personagem interpretada por Julie Shanahan sai da tela e cruza o espaço, na cena da tempestade, criando um efeito de ótica que invade o imaginário de forma genial.

Alguns trabalhos, por outro lado, no intuito de ter um 'ar' de moderno, inserem aleatoriamente um vídeo com icônicos 'incorretos', sem congruência ao espetáculo ecoando o estranhamento como finalidade estética, "(...) Não é por estar enquadrada num movimento que a obra tem valor. Tem valor em si, independente do movimento em que se enquadre."⁸

Os programas de canais aberto que exibem novelas e outros programas com recordes de audiência como o Big Brother da rede Globo, abarcam público de todas as classes sociais, e tem sido construtivo do imaginário social. Nenhum artista deste século tem como ignorar esta realidade, fechando os olhos às depravações das músicas cantadas e dançadas, continuando com seus tabus e preconceitos e exibindo trabalhos para o 'rei' em um anacronismo infundado; isto espelha o atraso e a incomunicabilidade dos trabalhos artísticos.

Conclusões:

O trabalho “SOL” procurou atualizar a dança através de um rito. O passado e o futurismo - sem alusão ao movimento artístico de mesmo nome - num diálogo que busca penetrar as camadas de significações do elemento fogo, conectando e tateando a margem da representação da essência da vida, da espiritualidade, da alma. Num rito primitivo com mantra sendo entoado, há pintura no corpo nu; evoca uma ficção científica em torno do elemento fogo, das imagens e do som.

Trata-se de uma representação sem sentimentalismos da personagem deusa humana, mas com emoção, se solidarizando com a humanidade. Com a convicção em algo que existe para além do cotidiano inscrito na superfície da realidade do dia a dia. O cosmo que inquieta as nossas mentes, assim como a vida e a morte, evoca uma outra forma de contato com mundo e com outros mundos, extra terrestre, sem a fuga das religiões pela felicidade fora do corpo mas se conectando a um elementos primitivo da natureza.

Na música eletroacústica foi criada uma paisagem sonora com sons de chuvas, que se transformam em sons de brasa de fogo, com a intenção caracterizar e descaracterizar as fontes sonoras com transições suaves. Com isso, o ouvinte pode identificar ou deduzir a fonte sonora ou ficar confuso com sua origem. Há um momento de nenhum volume, o que faz com que os sons ambientes passem a compor este "hiato". Ao findar da música gravada, a coreografia continua apenas com a paisagem sonora que está sendo composta em tempo-real pelo próprio ambiente.

As imagens e cores do vídeo intentam produzir sensações que realcem as certezas e dúvidas do áudio gravado, de forma a intensificar a imersão do espectador na obra. A fogueira presente no ambiente é uma referência para o áudio e vídeo e interfere na temperatura local. Desta forma, a imagem deixa de ser apenas a da bailarina e passa a estar presente no vídeo, na imaginação que a música evoca, além da fogueira, que não é apenas um cenário, mas um elemento imagético e térmico da obra. Esta reunião e fusão destes elementos é uma das propostas deste trabalho, no qual nem só o que é tátil faz parte do visual e que o ambiente cria sua própria paisagem sonora.

Bibliografia

- 1 Navas, Cássia - Anais do IV Congresso do Abrace - Associação Brasileira de Pesquisa e Pós Graduação em Artes Cênicas, Editora UNIRIO, em maio de 2006
- 2 Ferreira Gullar em entrevista 'As vanguardas saíram de moda?' ao Jornal da Unicamp em maio de 2007
- 3 Filho, Ciro Marcondes (org.) Política e Imaginário nos Meios de Comunicação para Massas no Brasil Summus, 1985, v.4, pag 18
- 4 Pereira, Sayonara, Fragmentos do pós doutorado (2007 – 2009 – Unicamp – Fapesp)
- 5 Cravell, Holly, Lendo o corpo como História: delineando o compêndio da dança pelo viés do corpo. (notas de pesquisa)
- 6 Lima, Raymundo, Para entender melhor o pós modernismo, (notas de pesquisa)

1 Reflexões das aulas de história das danças brasileiras, com professora doutora Cássia Navas

2 Texto de Holly Cravell, Lendo o corpo como História: delineando o compêndio da dança pelo viés do corpo.

3 Navas, Cássia - Anais do IV Congresso do Abrace - Associação Brasileira de Pesquisa e Pós Graduação em Artes Cênicas, Editora UNIRIO, em maio de 2006

4 Ferreira Gullar em entrevista 'As vanguardas saíram de moda?' ao Jornal da Unicamp em maio de 2007

5 Filho, Ciro Marcondes (org.), Política e Imaginário nos Meios de Comunicação para Massas no Brasil, Summus, 1985, v.4, pag 18

6 Ferreira Gullar em entrevista 'As vanguardas saíram de moda?' ao Jornal da Unicamp em maio de 2007

7 Sayonara Pereira, Fragmentos do pós doutorado (2007 – 2009 – Unicamp - Fapesp)

8 Ferreira Gullar em entrevista 'As vanguardas saíram de moda?' ao Jornal da Unicamp em maio de 2007